



## **POLÍTICA PÓS-MODERNA SOB A PERSPECTIVA DA DOUTRINA DO CHOQUE: ANÁLISE DO EMPREGO DA CRISE NO GOVERNO BOLSONARO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Michel Martins Kjellin<sup>1</sup>

**Resumo:** este estudo busca, por meio da correlação entre a Doutrina do Choque de Naomi Klein e os fundamentos da Pós-Modernidade, apontar o manejo dos choques causados pela pandemia de Covid-19 por atores políticos neoliberais dentro do Governo Bolsonaro. Ao evidenciar a suposta interferência desses fatores, podemos esclarecer a posição do Poder Executivo Federal em relação à pandemia, assim como evidenciar elementos dos conceitos da teoria da Doutrina do Choque no atual momento do Brasil. Para isso, analisamos as políticas públicas e a comunicação do Governo Federal, a partir de dados coletados inicialmente em quatro jornais, explicitando os principais pontos, ratificando-os e assentando as suas conexões com a abordagem da fundamentação teórica. Observamos, assim, nesta pesquisa, que a necessidade de atender ao mercado foi um provável fator decisivo para a omissão do Governo Bolsonaro frente às mortes causadas pela Covid-19, constatando que os agentes do Poder Executivo buscaram utilizar o choque causado pela pandemia para alcançar os seus objetivos políticos.

**Palavras-chave:** Choque. Pós-Modernidade. Bolsonaro. Covid-19. Pandemia.

### **1 Introdução**

A Doutrina do Choque é uma tese desenvolvida por Naomi Klein que sugere a existência de estratégias conduzidas por grupos promotores da desorientação sensorial e da perda de sentidos referenciais de uma sociedade e de seus indivíduos durante uma crise, a fim de totalizar projetos do capitalismo incivilizado, conforme comunica a autora. A visão da pesquisadora contrapõe o pressuposto neoliberal, que afirma a existência de uma compatibilidade arraigada entre democracias e o mercado sem moderação governamental.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: [michelkjellin@gmail.com](mailto:michelkjellin@gmail.com). Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Publicidade e Propaganda da Unisul. 2021. Orientador: Dr. Lucas Pereira Damazio,

Para Klein (2007), a Doutrina do Choque conduz as crises humanitárias, políticas e econômicas como ferramenta para articular políticas neoliberais que tendem ao capitalismo de desastre. Klein (2007) explicita o emprego das crises por líderes políticos, governos e instituições, em diversos países, como método de conquista e de manutenção do poder político e econômico. Ainda segundo a autora (2007), a Doutrina de Choque é uma operação para manejar o controle de determinados estados instáveis e promissores.

Em 11 de março de 2020, a rápida transmissão mundial do vírus SARS-CoV-2, causador da doença Covid-19, fez com que a Organização Mundial da Saúde elevasse o estado de contaminação do vírus à pandemia<sup>2</sup>. Em maio de 2021, a Covid-19 já havia ceifado a vida mais de 450 mil brasileiros<sup>3</sup>. As medidas sociais anti-isolamento tomadas pelo Poder Executivo Federal, assim como discurso adotado pelo presidente da República Federativa do Brasil – Jair Bolsonaro –, no decorrer deste evento traumático para a população, levantam suspeitas sobre os objetivos do Governo Bolsonaro na condução da pandemia, sob conjectura de promoção da tese da Imunidade de Rebanho e até mesmo de Negacionismo e de Necropolítica<sup>4</sup>.

À vista disso, fizemos alguns questionamentos: qual é, de fato, a estratégia do Poder Executivo Federal para combater a pandemia? Diante dessa problemática, objetivamos neste estudo, a partir de dados coletados na mídia, analisar se ocorre a prática da doutrina do choque durante a condução da Pandemia da Covid-19, buscando observar as políticas públicas e o discurso adotado pelo Poder Executivo Federal, por meio de dados e de informações coletadas *a priori* dos jornais, Folha de São Paulo, O Globo, e El País.

Além do mais, definimos os seguintes objetivos específicos:

1. Indagaremos o papel das crises como ferramenta de manejo político e econômico;
2. Procuraremos apontar a condição pós-moderna e a correlação com a Tese da Doutrina do Choque;
3. Buscaremos delinear o uso da Doutrina do Choque como estratégia de políticas e de comunicação do Poder Executivo durante a pandemia de Covid-19.

---

<sup>2</sup>Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 29 mai de 2021.

<sup>3</sup>Disponível em: [https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 29 mai de 2021.

<sup>4</sup>Disponível em <https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6NSc4X65f/?lang=pt..> Acesso em: 29 mai de 2021

Partindo da premissa de uma falta de controle da pandemia de covid-19 pelo Governo Bolsonaro, a propomo-nos investigar se existe a possibilidade de apontarmos a influência da Doutrina do Choque nas decisões do Poder Executivo. Ao compreender a posição da Doutrina do Choque e elementos da pós-modernidade nas políticas e na comunicação adotadas pelo Governo Bolsonaro, poderemos constatar, ou não, o uso do choque como ferramenta de manejo para imposição de medidas neoliberais na população brasileira.

Desse modo, a presente pesquisa busca a partir de um estudo exploratório das políticas públicas e da comunicação do Governo Bolsonaro durante o período da pandemia causada pela Covid-19, correlacionar a partir do método hipotético-dedutivo, a interferência de coeficientes da Doutrina do Choque, bem como elementos da pós-modernidade na condução pública da pandemia.

Portanto, realizaremos a pesquisa bibliográfica para fundamentar o referencial teórico, debruçando-nos sobre os fatores que influenciam a política pós-moderna em uma perspectiva da Doutrina do Choque, abordando em primeiro momento os conceitos estabelecidos pelos principais autores do respectivo assunto. Em um segundo momento, executaremos uma análise com abordagem qualitativa, baseados em informações e dados extraídos a partir do dia 11 de março de 2020, dos jornais virtuais El País, Folha de São Paulo, G1 e o Globo.

Propomo-nos recolher as informações das publicações relacionadas ao governo Bolsonaro, ratifica-las com outros dados, bem como analisar o conteúdo a partir dos autores abordados para qualificar a abordagem das políticas públicas e da comunicação do governo durante a pandemia de covid-19. Ressaltamos a importância de observar a comunicação, para evitar que fatores não oficializados pelo estado brasileiro sejam ignorados durante a análise. Tal como as políticas públicas não devem ser ignoradas, considerando que estas são fundamentais para o entendimento através da Teoria da Doutrina do Choque. A abordagem descritiva de Klein (2007) exhibe poucas referências ao cenário brasileiro, sendo necessário minuciar um entendimento geral e fazer paralelos entre as descrições históricas feitas pela autora. Faz-se necessário, ainda, mencionar que o serviço de pesquisas do Google e Youtube também serão utilizados, a fim de coletar vídeos e notícias que corroborem com os eventos descritos. Assim, poderemos especificar melhor os apelos feitos durante a pandemia e realizar correlação com a teoria da Doutrina do Choque, de Naomi Klein.

## **1 A Doutrina do Choque de Naomi Klein**

O livro *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism* (2007) é uma pesquisa defendida por Naomi Klein em formato de tese que apresenta o mecanismo para a manutenção do poder político e econômico. A autora (2007) apura em sua pesquisa a relação entre episódios de crise e de desorientação sensorial como condição oportuna para a implementação do que considera o *capitalismo de desastre*.

Conforme Klein (2007), a Doutrina do Choque como método é apresentada pela primeira vez no que a autora intitula de “laboratório de tortura”, de Ewen Cameron, no *Allan Memorial Institute*, da Universidade de McGill, durante a década de 1950, no Canadá. Segundo Klein (2007), durante as pesquisas com eletrochoque e a privação de sensores do corpo, o Dr. Ewen Cameron buscava obsessivamente apagar e levar a regressão da mente, para que pudesse recriar seus pacientes sem traços de personalidade e transtornos mentais.

Em pesquisa para o livro, Klein (2007) entrevista Gail Kastner, uma paciente do Dr. Cameron que sofreu com os experimentos na década de 1950, em McGill. Ao entrar em contato por telefone com Gail, Naomi Klein conta que viajou para o Iraque recentemente e procura entender o papel da tortura praticada ali, que são notificados da prática a pretexto da busca por informações, mas que acredita que “estejam tentando construir um país-modelo, apagando seu povo e refazendo-o a partir do zero”, Gail responde que, “Você acabou de descrever o que a CIA e Ewn Cameron fizeram comigo. Eles tentaram me apagar e fazer de novo. Mas não funcionou” (KLEIN, 2007, p.48).

De acordo com Klein (2007), Cameron já havia morrido quando Gail começou a investigar o tempo em que foi paciente no *Allan Memorial Institute*, mas o fichário médico deixou provas do tratamento feito pelo Dr. Cameron. A razão para o esquecimento de Gail sobre aquele período são as sequelas deixadas pelo tratamento de “choque e pavor”. Nas anotações do fichário médico, Gail entrou no instituto com um quadro de ansiedade, sendo descrita inicialmente como carinhosa, sociável e organizada, mas que em algumas semanas após a sua entrada no instituto, “começou a apresentar comportamento infantil, expressava ideias bizarras e parecia alucinada e destrutiva”, o último diagnóstico foi de “esquizofrenia” (KLEIN, 2007, p.41). A “metamorfose” de Gail Kastner se deu pelo tratamento descrito no próprio fichário, com comas induzidos, combinações de euforia e exaustão, sono induzido e choques oito vezes maior do que permitido na época.

Nos textos acadêmicos de Cameron, a autora observou que o médico psiquiatra acreditava ser possível ensinar pacientes a desenvolver um comportamento saudável ao destruir os moldes patológicos existentes. Para isso, seria necessário desfazer os moldes, “atacando o

cérebro com tudo aquilo que se sabia capaz de interferir no seu funcionamento normal – de uma vez só” (KLEIN, 2007, p.43). A pesquisadora comenta:

Cameron já tinha rejeitado a abordagem freudiana tradicional, que empregava a “terapia da fala” para tentar descobrir as “raízes” das doenças mentais de seus pacientes. Sua ambição era recriar os doentes, em vez de consertá-los ou curá-los, usando um método que inventou e denominou “mobilização psíquica” (KLEIN, 2007, p.42-43)

Na década de 1950, pesquisadores da CIA interessados em “técnicas especiais de interrogatório” iniciaram o programa *MKUltra*. As tentativas iniciais de hipnose e o uso de drogas como o *LSD*, não garantiam precisão científica. Outro problema seria a publicação do projeto, que ocasionaria no seu encerramento diante da pressão interna e da política antidrogas dos Estados Unidos da América. A CIA voltou os recursos do projeto para os pesquisadores canadenses, e, no dia 1º de junho de 1951, um encontro entre serviços de inteligência e acadêmicos, do Canadá, Grã-Bretanha e Estados Unidos da América, foi marcado no hotel *Ritz-Carlto*, em Montreal. O assunto do encontro foi a utilização de técnicas de “lavagem cerebral” em prisioneiros de guerra. O Dr. Donald Heeb, rival acadêmico de Cameron na Universidade de McGill, estava presente no encontro e ganhou uma bolsa de pesquisa do Departamento Nacional de Defesa do Canadá. O objetivo da pesquisa era conduzir experimentos baseados na privação dos sentidos e verificar se essa condição tornaria as pessoas mais suscetíveis a “lavagem cerebral” (KLEIN, 2007).

O Departamento de Pesquisa do Ministério da Defesa, com base nos experimentos de Heeb, concluiu que a privação de sentidos é capaz de conduzir extrema confusão e alucinações, permitindo declínio cognitivo temporário. Além disso, o apetite por estímulos externos tornou as pessoas mais receptivas a ideias transmitidas em mensagens gravadas e reproduzidas durante os experimentos. Ainda em seu relatório, Heeb avalia que quatro voluntários do estudo observaram espontaneamente que permanecer naquela situação era uma forma de tortura e que seria impossível alcançar resultados mais precisos, tendo em vista que seria necessário forçar uma pessoa a ficar de trinta a sessenta dias em completo isolamento, contra a sua vontade. Entretanto, o Dr. Ewn Cameron estava disposto a quebrar a barreira ética da medicina, convencido de que apenas a destruição violenta das mentes de seus pacientes poderia levá-los a cura, então, em 1957, Cameron ganhou sua primeira bolsa de pesquisa financiada pela CIA (KLEIN, 2007).

Segundo Klein (2007), o trabalho dos dois médicos teve imenso reflexo no manual de tortura da CIA, intitulado *Kubark Counterintelligence Interrogation*, trata-se de um texto sobre interrogatório de fontes resistentes, fortemente baseado na pesquisa encomendada pelo

MKUltra. Entretanto, foi o método de desorganizar a noção do tempo e espaço do Dr. Cameron que serviu como núcleo da fórmula do manual de *Kubark*.

O método *Kubark* foi aplicado com alguns padrões muito claros – elaborados para induzir, aprofundar e sustentar o choque -, onde quer que tenha sido ensinado; a captura de prisioneiros era feita de modo a aturdir e desorientar intensamente, com ataques-surpresa tarde da noite ou antes do amanhecer, como instruíra o manual. Eles eram imediatamente encapuzados e vendados, despídos e surrados, e depois submetidos a alguma forma de privação de sentidos (KLEIN, 2007, p.53)

Klein (2007) alega que um estudo realizado após a saída do Dr. Cameron do *Allan Memorial Institute*, descobriu que 75% dos primeiros pacientes do médico estavam piores após o tratamento. Mais da metade dos pacientes não conseguiram retornar aos seus empregos e, assim como Gail Kastner, ganharam inúmeros novos sofrimentos físicos e psicológicos. O argumento da mobilização psíquica se mostrou contrário à sua proposta, e quanto mais ele forçava, mais prejudicava o quadro dos pacientes. Em seus escritos, o médico argumenta que estaria apagando os moldes patológicos e recriando os seus pacientes, no entanto, ficou claro que não havia renascimento no método, apenas “uma bagunça” com “memórias fraturadas” (KLEIN, 2007).

De acordo com Klein (2007, p.60), a “incapacidade de distinguir entre destruição e criação, entre ferir e curar”, é o que liga os capitalistas de desastre a premissa teórica de Cameron. Durante a sua estadia no Iraque, Naomi Klein percebeu que o choque causado pela invasão dos Estados Unidos teria um efeito de desorientação pela perda dos sentidos referenciais sobre o povo Iraquiano, parecido com os descritos no manual de *Kubark*.

Ainda segundo a autora (2007), o primeiro choque sobre o povo iraquiano foi a ruptura do modo de vida pela invasão dos Estados Unidos da América. O segundo choque foi o econômico, por meio da imposição de medidas econômicas norte-americanas, que reconstruiriam o país no “espaço vazio” deixado pela invasão. E outra onda de choque, que, por fim, colocou em prática os métodos do manual de *Kubark*, baseados nos experimentos realizados no *Allan Memorial Institute*. O apelo era de que para reconstruir o país seria necessário criar o ambiente ideal aos moldes do livre mercado e que, apenas assim, o Iraque se tornaria um país modelo.

Aqueles que acreditaram fervorosamente no poder redentor do choque, os arquitetos da invasão norte-americana e britânica, imaginaram que o seu uso da força seria tão chocante, tão esmagador, que os iraquianos mergulhariam num estado de vivacidade interrompida, muito parecida com aquela descrita no manual *Kubark*. Diante de tal oportunidade, os invasores do Iraque deslizariam para outra onda de choques – dessa vez econômicos –, que serviria para criar uma democracia de livre mercado no espaço vazio deixado após a invasão[...] No entanto, não havia espaço vazio, apenas pessoas despedaçadas, estilhaçadas e raivosas; quando reagiam, eram atacadas por mais

choques, alguns deles baseados nas experiências realizadas com Gail Kastner em todos aqueles anos. (KLEIN, 2007, p.60)

Assim como o *Allan Memorial Institute* da Universidade de McGill, o departamento de economia da Universidade de Chicago também era chefiado por um homem ambicioso. Milton Friedman, um defensor radical do capitalismo sem regulamentações, buscava o laboratório do *laissez-faire*, com o objetivo de experimentar suas ideias de livre mercado. A premissa da Escola de Economia de Chicago é de que, a liberdade do mercado sem interferências é um sistema perfeito, onde os indivíduos agem em função dos próprios interesses, beneficiando a todos (KLEIN, 2007). Porém, como afirma Brown (2019), a liberdade sem o social destrói o significado pela qual a liberdade se torne democrática, combinada a consciência social e a igualdade política. Para o autor (2019), a liberdade sem sociedade é apenas uma ferramenta para o poder, sem qualquer preocupação com o futuro. “Enquanto Cameron sonhava em recuar a mente humana até aquele estágio primitivo, Friedman sonhava em desmontar os moldes das sociedades, fazendo-os retornar ao estado de capitalismo puro” (KLEIN, 2007. p.66). Ainda segundo a autora (2007), Friedman não podia testar suas teorias com a mesma facilidade de Cameron, portanto, teve de esperar diversas reviravoltas da história para pôr em prática o seu laboratório de *laissez-faire*:

Na linha de Cameron, Friedman acreditava que uma economia altamente desvirtuada só conseguiria alcançar o estágio anterior aos deslizes por meio de choques dolorosos deliberadamente infligidos: somente os remédios amargos podiam eliminar as deturpações e os maus princípios. Cameron utilizou a eletricidade para aplicar seus choques; a ferramenta escolhida por Friedman foi a política – ele estimulou políticos audaciosos a usarem o tratamento de choque em países que passavam por dificuldades [...] Friedman precisaria esperar duas décadas e diversos desvios e reviravoltas da história para ter a chance de colocar em prática seus sonhos radicais de apagamento e criação (KLEIN,2007. p.66).

Acerca dessas reviravoltas da história, Klein (2007) refere-se à influência de Milton Friedman na tomada de decisões econômicas do Chile, adotadas após o golpe militar da cúpula militar chilena em 1973, comandada pelo general Augusto Pinochet. Para Muñoz (2010), o modelo econômico dos *Chicago Boys*, inspirados pelo tratamento de choque de Friedman, promoveu mudanças significativas na economia chilena, com momentos de recessão e crescimento, às custas de um grande aumento do desemprego e da população a baixo da linha da pobreza, levando Pinochet a adotar políticas de interferência econômica. O autor (2010) afirma que a condição do capital sociocultural do Chile reunia os pré-requisitos necessários para as futuras reformas que modernizariam a economia chilena e que o impacto cívico e social das atrocidades cometidas pelo regime custou muito mais do que supostos benefícios econômicos posteriores.

## 1.1 Os Tipos de Choque

Em 1953, o diretor da Administração para a Cooperação Internacional dos Estados Unidos no Chile, Albion Patterson, e o Diretor do Departamento de Economia da Universidade de Chicago, Theodore W. Schultz, realizaram um encontro em Santiago, no Chile. O tópico da reunião foi a preocupação com a influência de economistas marxistas no cenário latino-americano. Os dois sugeriram um plano que “reviveria Santiago”, transformando-a em um laboratório para o livre mercado. O Projeto Chile, como foi ficou conhecido, planejava financiar estudantes chilenos para estudar economia na Universidade de Chicago e enviar pessoal para a Universidade Católica do Chile, conduzindo pesquisas e instruindo alunos e professores sobre os fundamentos da Escola de Chicago (KLEIN, 2007). O Projeto Chile criou “um laboratório de experimentos para aparar as arestas do livre mercado, dando a Milton Friedman aquilo que ele sempre sonhara: um país no qual pudesse testar suas teorias tão acalentadas” (KLEIN, 2007, p.76).

Segundo Klein (2007), em 1970, o governo da Unidade Popular de Salvador Allende ganhou as eleições, prometendo levar amplos setores da economia chilena ao controle estatal. No primeiro ano do mandato de Allende, a Universidade Católica, “berço dos Garotos de Chicago”, se tornou o epicentro do que a CIA chamou de “clima de golpe”. O planejamento do golpe de estado no Chile tomou duas direções, enquanto militares objetivavam o extermínio de Allende, os economistas almejavam a destruição de suas ideias. Para Muñoz (2010), quando Pinochet tornou-se defensor do projeto da Escola de Chicago, realizou uma parceria com os *Chicago Boys* e utilizou os instrumentos de terror da ditadura para recriar a economia e política chilena.

Em 1974, um ano após o golpe de estado do general Pinochet, os pontos de inflação chegaram em 375%, o preço de produtos básicos subiu exponencialmente. A experiência do general Pinochet com o livre mercado, fez com que os empreendimentos locais fechassem incapazes de competir com o mercado externo, batendo recordes de desemprego e tornando a fome um problema recorrente. Em março de 1975, Milton Friedman viajou para Santiago a convite de um grande banco, em um momento onde o experimento já se mostrava um fracasso. Milton Friedman teve um encontro privado com Pinochet naquela viagem, após o encontro, em carta para o general, Friedman frisou que continuar adotando a postura do livre mercado traria “um milagre econômico” e “eliminar a inflação em meses”, o desemprego seria um curto período e a recuperação rápida. Friedman ainda enfatizou na carta a importância do choque e de que gradualismo não é possível (KLEIN, 2007).

Tratamento de choque era uma descrição adequada para aquilo que Friedman prescreveu. Pinochet havia deliberadamente levado seu país a uma profunda recessão, fundamentada na teoria não testada de que uma contração súbita conduziria a economia ao equilíbrio. Sua lógica era assustadoramente semelhante à dos psiquiatras que começaram a prescrição em massa do eletrochoque nos anos 1940 e 1950, convencidos de que a indução de ataques do sistema nervoso poderia magicamente refazer os cérebros de seus pacientes (KLEIN, 2007, p.102)

Conforme Klein (2007), em 1982, uma década após o início da implementação do choque idealizado e reforçado por Friedman, a economia chilena entrou em colapso, com a explosão da dívida, hiperinflação e desemprego atingindo 30% da população ativa. Em 1988, com a economia estabilizada graças à inferência econômica do governo, 45% da população havia caído a baixa da linha da pobreza (KLEIN, 2007).

O golpe de estado de 1973 no Chile impôs três tipos de choque, criando a fórmula que seria reproduzida em outros países, como, Argentina, Bolívia, Brasil, Uruguai e, trinta anos depois, no Iraque, pelo presidente George Bush e o Estado de Segurança Privada. No Chile, o primeiro choque foi causado pelo golpe de estado em si. Foi sucedido pelo tratamento de choque capitalista, proposto por Milton Friedman e colocado em prática pelos alunos latino-americanos treinados sob as doutrinas da Universidade de Chicago. O terceiro choque foi baseado nos métodos do Dr. Cameron, com sessões de tortura codificadas no manual de *Kubark* e instruídas por agentes estadunidenses (KLEIN, 2007).

Essas três formas de choque convergiram para os corpos das populações latino-americanas e para o corpo político da região, criando um irrefreável furacão de forças mutuamente influentes de destruição e reconstrução, de apagamento e criação. O choque do golpe preparou o terreno para a terapia de choque econômico; o choque das câmaras de tortura horrorizou qualquer um que pensasse em reagir contra os choques econômicos. De dentro desse laboratório vivo, surgiu o primeiro Estado da Escola de Chicago, e a primeira vitória de sua contrarrevolução global (KLEIN, 2007, p.88)

Klein (2007) descreve em seu livro, três formas de emprego da Doutrina do Choque, como ferramenta de manutenção do poder político e econômico por aqueles que a autora denomina de Capitalistas do Desastre. Klein (2007) introduz, analisa e explicita o uso da Doutrina do Choque por instituições e governos, em três espectros. Para melhor compreensibilidade, nominaremos estes de: Choque Traumático, Choque Econômico e Choque de Regressão.

Conforme aborda Klein (2007), o Choque Traumático é um evento, ou sucessão destes, capazes de produzir notáveis rupturas na conjuntura do comportamento social e na perda dos sentidos referenciais. Segundo a autora (2007), eventos capazes de criar um Estado de Choque em uma sociedade, são emergências reais, que superam as narrativas e o processo histórico,

pois a natureza emergencial do Estado de Choque impede qualquer preenchimento da lacuna entre realidade e compreensão. Nas palavras de Klein (2007), é no espaço vazio dessas lacunas emergências que os capitalistas de desastre atuam. Ao abordar os atentados de 11 de setembro, a autora explicita que:

O que aconteceu no período de grande desorientação após os ataques foi olhando em retrospectiva, uma forma doméstica de terapia de choque econômico. A equipe de Bush, inteiramente friedmaníaca, se mexeu, com velocidade, para explorar o choque que abalou a nação, a fim de avançar seu projeto de um governo oco, no qual tudo, da reação ao desastre até a guerra, fosse uma aventura lucrativa. (Klein, 2007, p.352)

Klein (2007) propõe o Choque Econômico, relacionando-o principalmente ao método da terapia de choque proposta pelo neoliberalismo de Milton Friedman. A autora (2007) analisa o impacto social e econômico das medidas de Choque Econômico em economias baseadas na doutrina da Escola de Chicago. Klein (2007) também explicita como Choques Econômicos foram aplicados por instituições monetárias como o FMI e o Banco Mundial, promovendo instabilidade e criando um ambiente de crise útil em países subdesenvolvidos, no qual o propósito era “a criação de Estados falidos, por causa das oportunidades que estes ofereciam para recomeçar a partir de escombros” (p.309). Segundo Klein (2007), quanto mais a economia é desregulada e extrínseca aos Estados, mais o sistema se torna propenso às crises, produzindo o fator essencial para a imposição de medidas neoliberais radicais. Ainda para a autora, a teoria das crises de Friedman apenas sobreviveu ao tempo porque migrou entre crises, “[...]explorando com esperteza o desespero dos estados de emergência econômica [...]” (Klein, 2007, p.202).

Para Klein (2007), o Choque de Regressão é baseado nos métodos de privação dos sentidos, estudados e conduzidos pelo Dr. Cameron no *Allan Memorial Institute*. A autora (2007) evidencia a imposição do Choque de Regressão nas populações em regimes ditatoriais do cone sul e, posteriormente, no Iraque com o manual de *Kubark*. Para a autora (2007), existe uma percepção lógica entre os métodos do Dr. Cameron e os Capitalistas de Desastre, na enorme destruição necessária para reconstruir nos espaços vazios deixados pelo choque. A autora (2007) aponta ainda a convergência dos três choques no Chile e, em seguida, no Iraque com uma espécie de Super Choque, onde a guerra como tortura de massa impôs Choque e Pavor, previstos pelos comandantes norte americanos como estratégia da invasão militar. Enquanto medidas econômicas eram impostas, prisioneiros eram torturados de acordo com os métodos previstos no manual de *Kubark*. Ao abordar a influência corporativa no Iraque, Klein (2007) afirma que, no início da cruzada das corporações em 1970, foram tomadas medidas que,

posteriormente, foram reconhecidamente consideradas genocidas. Para a autora (2007), no Iraque, foi iniciada a eliminação do país como um todo.

A autora (2007) afirma que, nesses casos, talvez o único fator capaz de amortecer o choque, são as memórias individuais e coletivas, pois “nem sempre reagimos aos choques com regressão. Em alguns casos, diante das crises, nós crescemos - rapidamente.” (KLEIN, 2007, p.548). De acordo com o que foi evidenciado por Klein (2007), podemos observar as seguintes características para os determinados tipos de choque, dentro da Doutrina do Choque:

Quadro 1 – Tipos e Descrições da Doutrina do Choque

Tipos de Choques	Descrições Observadas
Choque Traumático	Causado por um evento ou período, gerador de grande desorientação e um estado de choque, pelo impacto sensorial do acontecido.
Choque Econômico	Abordagens econômicas que buscam criar ambientes de crise favoráveis para determinados grupos.
Choque de Regressão	Técnicas de privação sensorial ou desorientação conduzidas, com o objetivo de apagar patologias e criar um sujeito modelo.

Fonte: Elaboração Própria a partir de Klein (2007)

#### 1.4 Estratégias de implementação da Doutrina do Choque

De acordo com David Childs (2001), a eleição geral de 1979 foi um evento com mudanças significativas no quadro político da Grã-Bretanha. O Partido Conservador preencheu de forma majoritária o parlamento, com 339 cadeiras, contra 269 do Partido Trabalhista (*Labour*). Margaret Thatcher foi eleita a primeira-ministra do Reino Unido da Grã-Bretanha pelo Partido Conservador, sob a promessa de conduzir as políticas públicas de acordo com o que antecede o CPS (*Center for Policy Studies*), organização criada por Thatcher, Keith Joseph e Alfred Sherman, para fazer oposição aos governos anteriores, retardando a premissa da política de pós-guerra do *Labour* contra *Conservative*. O objetivo do CPS e de Thatcher, quando eleita, foi introduzir a política de livre mercado dentro da Grã-Bretanha, tendo como base intelectual, o trabalho do economista australiano Friedrich von Hayek. Segundo Klein (2007), Hayek é o Santo Padroeiro da Escola de Chicago e, em 1981, quando volta de visita ao Chile, escreve uma carta direcionada a sua amiga primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher. Hayek expõe na carta a sua satisfação com o trabalho de Pinochet e dos Garotos de Chicago, além de incentivar Thatcher a usar o Chile como exemplo para a transformação econômica da Grã-Bretanha e que deveria adotar a política de terapia de choque. Em carta resposta, Thatcher explica:

Eu estava ciente do notável sucesso da economia chilena em reduzir substancialmente a parcela dos gastos do governo ao longo da década de 1970. A progressão do

socialismo de Allende para a economia capitalista de livre empreendimento da década de 1980 é um exemplo notável de reforma econômica com a qual podemos aprender muitas lições (MARGARET, Thatcher, 17 fev. 1982, para Friedrich Von Hayek, tradução nossa).

Ainda na carta, a primeira-ministra escreve que, “[...] na Grã-Bretanha, com nossas instituições democráticas e a necessidade de um alto grau de consentimento, algumas das medidas adotadas no Chile são absolutamente inaceitáveis” (MARGARET, Thatcher, 17 fev. 1982, para Friedrich Von Hayek, tradução nossa). Conforme afirma Klein (2007), o índice de aprovação pessoal de Thatcher caiu 25% no período, o menor índice de aprovação registrado por um primeiro-ministro da Grã-Bretanha. Segundo Childs (2001), o Partido Conservador era o terceiro na intenção de voto do público e apresentava 12.5 pontos em maio de 1982.

Klein (2007) descreve que, as Ilhas Malvinas (*Falklands*) foram consideradas por Thatcher, um peso para os cofres públicos, a primeira-ministra havia cortado verbas destinadas ao arquipélago, e na Marinha que fazia o patrulhamento armado nas ilhas. A atitude foi vista por generais argentinos, como um sinal de que a Grã-Bretanha estava disposta a ceder o território, que fora disputado diplomaticamente durante anos entre os países. O arquipélago não exibiu importância estratégica ou econômica para as nações, mas o governo liderado pela junta militar de Leopoldo Galtieri projetou que o sentimento anti-imperialista seria capaz de solucionar a crescente aversão interna pelo governo ditatorial argentino. Assim como a junta militar do general Galtieri, Thatcher também viu benefício político com a escalada da guerra, levando os dois lados a um conflito com duração de 11 semanas, do qual o único benefício foi a simples vitória sobre o inimigo. Ainda segundo a autora (2007), críticos trabalhistas e conservadores, de diferentes espectros políticos, apontaram que Thatcher promoveu a guerra das *Falklands* não por interesse no arquipélago, mas para cumprir seus próprios objetivos políticos e aumentar a sua reputação, devido ao baixo índice de aprovação do seu governo já no terceiro ano de mandato.

Klein (2007) afirma que, com a vitória da Grã-Bretanha nas Ilhas Malvinas em junho de 1982, o sentimento nacionalista e a nostalgia dos tempos de supremacia política e econômica do império britânico, fizeram de Thatcher uma heroína de guerra, o apelido Dama de Ferro deixou de ser insulto e passou a ser utilizado nas campanhas eleitorais. O índice de aprovação partiu de 25% no início do conflito para 59% com o término da guerra. “Com a derrota da Argentina, em julho os conservadores alcançaram 46.5%, 19 pontos à frente do Partido Trabalhista e 22.5 pontos à frente da Aliança. Claramente, a campanha nas Malvinas fez maravilhas para Thatcher” (CHILDs, 2001, p.220-221, tradução nossa). A popularidade ganha na vitória da *Falklands War*, foi utilizada por Thatcher para efetivar os planos de privatização

e favorecer os interesses do mercado, desfrutando do fervor coletivo para tratar os problemas internos com a mesma idiossincrasia que tratou a Guerra das Malvinas (KLEIN,2007). Podemos observar que a estratégia empregada por Thatcher está em conformidade com as afirmações de Friedman:

Somente uma crise real ou percebida produz uma mudança real. Quando essa crise ocorre, as ações tomadas dependem das ideias que estão por aí. Essa, creio, é nossa função básica: desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las vivas e disponíveis até que o politicamente impossível se torne politicamente inevitável. (Friedman, 1982/1962, Prefácio, tradução nossa)

A autora (2007) ainda afirma que, tal como os ataques de 11 de setembro de 2001 levaram o presidente George Bush, mesmo com baixa popularidade, a uma investida de privatização interna e a um Estado de Segurança Privatizada e Reconstrução, dentro dos Estados Unidos da América e no Iraque. A guerra das *Falklands* revelou como o programa de Terapia de Choque da Escola de Chicago não depende imperativamente de regimes ditatoriais para avançar e que é possível aplicar esse método dentro de uma democracia, diante de uma crise que provoque desorientação e perda de sentidos referenciais em uma sociedade (KLEIN, 2007).

Ao abordar o Choque de Traumático causado por desastres ambientais, Klein (2007) afirma que a condição que possibilita a aplicação da Doutrina do Choque está no sistema baseado no constante crescimento da economia especulativa que ignora a escassez de recursos, enquanto promove desregulamentações ambientais e produz uma sequência perpétua de desastres, militares, ambientais e financeiros. A busca pelo lucro a curto prazo e a ganância de um sistema econômico instável criam dependências de fontes de energia não renováveis que garantem a aparição de novos desastres ambientais (KLEIN,2007). Para a autora (2007), os futuros desastres não precisariam ser fabricados em conspirações obscuras, apenas devem persistir com o atual estado das coisas.

## **2 A Pós-Modernidade**

Conforme Jameson (1997) explicita, a pós-modernidade não deve ser entendida apenas como uma ruptura puramente cultural, pois as teorias que a apresentam, exibem semelhança com as generalizações sociológicas mais ambiciosas. Para o autor (1997), independente se essas teorias celebram a progressão da pós-modernidade, ou se a apresentam com repulsa, todas inauguram um novo tipo de sociedade. “[..]sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica [..]” (JAMESON, 1997, p.28-29). Segundo o

autor (1997), qualquer ponto de vista a respeito da pós-modernidade tem necessariamente uma posição política a respeito do capitalismo na contemporaneidade.

Baudrillard (1995) afirma que vivemos seguindo o ritmo e em conformidade com a sucessão dos objetos. O autor (1995) acredita que as relações sociais não se dão mais por laços com nossos semelhantes, mas sim pela recepção e manipulação de bens e mensagens. A cultura, segundo Baudrillard (1995), se converte em parte integrante do centro comercial, onde “culturaliza-se” a mercadoria, “[...] culturaliza-se igualmente, porquê surge transformada em substância lúdica e distintiva, em acessório de luxo, em elemento no meio de outros elementos na panóplia geral dos bens de consumo [...] (p.18).

Para o Baudrillard (1995), a sociedade de consumo é caracterizada essencialmente pela comunicação de massa, por meio dos *fait divers*, todavia, a comunicação não transmite a realidade, mas sim, o que o autor define como “vertigem da realidade”, nos quais os signos comunicam o acontecimento de forma alegórica, mas dentro dos coeficientes da segurança. O autor (1995) afirma que consumo, informação, cultura e a abundância são alocados, descobertos e manipulados pelo próprio sistema (capital) como novas forças produtivas. Harvey (2008), em consonância com Baudrillard, afirma que:

A informação excessiva, afirma-se, é uma das melhores induções ao esquecimento. As qualidades da ficção pós-moderna – ‘as personagens mais planas possíveis na paisagem mais plana possível descritas com o tom mais plano possível’ – sugerem exatamente essa reação (Harvey, 2008, p.315)

Harvey (2008) ainda explicita que, como reflexo primário do domínio sobre a produção de mercadorias, o surgimento de valores e virtudes baseados na instantaneidade e na descartabilidade, transformou também a dinâmica do comportamento social. Para o autor (2008), isso significa uma fragmentação no estilo de vida, com reflexos nos relacionamentos, projeções afetivas, comportamentos adquiridos e identidade. Veremos adiante, neste artigo, que as afirmações de Harvey (2008) estão em conformidade com o entendimento de Bauman (1995,1997).

## **2.1 Pós-Modernidade, Crises e Choque**

De acordo com Lyotard (1979), a condição pós-moderna é baseada em uma agonística linguística, na qual as grandes narrativas que constituem os estados, nações, religiões, instituições e teorias entram em colapso e assim são substituídas por um espaço em que os jogos de linguagem são parte fundamental para que haja sociedade. Lyotard (1979) declara uma crise

de legitimação das meta-narrativas. Segundo Callinicos (1989), a respeito do entendimento de Lyotard:

A pós-modernidade é precisamente aquela condição em que fica evidente que as metanarrativas têm as mesmas propriedades das narrativas populares; eles são a fonte de sua própria legitimidade, um conjunto de jogos de linguagem fundidos com a heterogeneidade do discurso comum (Callinicos, p.116, 1989, tradução nossa).

Lyotard (1979) afirma que o desdobramento do capitalismo pós-industrializado, em paralelo e subsequente as novas tecnologias da informação, criou mudanças nas funções dos estados e a dissolução dos vínculos sociais, marcado pela passagem dos coletivos sociais para uma massa de átomos. O autor (1979) assegura que a aplicação das novas tecnologias da informação sobre o saber, deve surtir efeitos consideráveis, e que “ele (o saber) é ou será afetado em suas duas principais funções: a pesquisa e a transmissão de conhecimentos” (1979, p. 04, grifo nosso). Lyotard (1979) afirma que os átomos são deslocados não apenas por relações pragmáticas do *status quo*, agora também são atravessados por mensagens que os deslocam em um movimento constante.

O “redesdobramento” econômico na fase atual do capitalismo, auxiliado pela mutação das técnicas e das tecnologias segue em paralelo, já se disse, com uma mudança de função dos Estados: a partir desta síndrome forma-se uma imagem da sociedade que obriga a revisar seriamente os enfoques apresentados como alternativa. Digamos sumariamente que as funções de regulação e, portanto, de reprodução, são e serão cada vez mais retiradas dos administradores e confiadas a autômatos. (Lyotard, 1979, p.27)

Para Callinicos (1989), ao analisar a afirmação de Lyotard, aponta para que toda teoria represente uma espécie de narrativa discursiva, abre a possibilidade para questionar se as meta-narrativas são uma forma diferente de narrativa autolegitimada, assim como as narrativas populares, mas que, conforme Lyotard previu, deve-se manter a distância crítica e eliminá-las através da crítica racional. Ainda segundo Callinicos (1989,) ao eliminar os níveis do discurso, Lyotard aparenta compartilhar todas as características essenciais da ideologia conservadora de uma direita atual, inibindo a prática de uma crítica política marxista ao *status quo*. Seguindo o argumento de Callinicos, observamos que Bauman (1999), ao propor a insegurança do caldeirão de *Unsicherheit*, involuntariamente contrapõe Lyotard, o autor expõe:

Se as pessoas de fato quisessem seguir preceitos de opção racional, como insistem alguns teóricos, seriam levadas nessas circunstâncias a evitar companhias e parcerias que não têm a saída desimpedida. Investiriam em “arranjos flexíveis”, em laços duráveis apenas na medida de sua utilidade. A racionalidade seria conselheira para afastar o desejo de uma comunhão segura e duradoura. Com opções racionais, as pessoas seriam cúmplices relutantes e insuspeitos na produção dessa mesmíssima insegurança de vida que faz do evitamento de âncoras seguras uma questão de opção racional. A insegurança chegou a tal ponto que pode ostentar a racionalidade dos calculistas entre as suas servas mais fiéis e confiáveis. (Bauman, 1999, p.26)

De acordo com Bauman (1999), a participação do mercado na vida pós-moderna, interpenetra e sobrepõe as relações humanas, incluindo a família, reduzindo-a a uma obrigação social, tendo em consideração que uma condição fundamental do mercado é a dissolução dos laços de sociabilidade e reciprocidade. Para o autor (1995), a vida pós-moderna não procura sentido na sobrevivência, mas sim nas sensações de “apreciação estética”, incluindo a socialização, experiências sensoriais e conforto, pois “As estratégias de vida pós-modernas, como a ideia de qualidade de vida, são guiadas pelos princípios heurísticos.” (BAUMAN, 1995, p.86).

Lyotard (1979) explicita que o coletivo foi lançado em um movimento browniano e considera que “isso não é relevante, é um caminho que nos parece obscurecido pela representação paradisíaca de uma sociedade ‘orgânica’ perdida ” (p.28, grifo do autor). Todavia, o pensamento do autor (1979) está diretamente ligado a premissa de Bauman. Lyotard (1979) mira expor especificamente a incredulidade da sociedade pós-moderna com os meta-discursos, mas assume que nela “uma massa de átomos” constitui um novo coletivo fragmentado. Portanto, conforme também afirma Bauman (1999, p.69). “A consequente decomposição da comunidade encontra correlação na fragmentação da vida de cada uma das suas unidades constitutivas. O processo de vida de cada agente tende a fragmentar-se em uma série de episódios, cada um em princípio confinado e sustentado em si mesmo”. Bauman (1999), atesta que a transição da modernidade para a pós-modernidade, está na intensa mutação do modo como a individualidade é construída socialmente. Hall (2006) atribui a realidade pós-moderna, uma crise de identidade decorrente da descentração do sujeito, no mundo social, cultural e de si mesmo. Expõe também que a sociedade pós-moderna se caracteriza pela diferença com antagonismos sociais diversos, produzidos por diferentes posições de sujeito, impossibilitando agora a unificação de interesses políticos através de classes sociais. Para o autor (2006), esse desenvolvimento está ligado a “[...] um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo globalização” (HALL, 2006, p.67).

Klein (2007) afirma que, no final da década de 1980, a onda de privatizações que garantiram superávit ao mercado de ações, nos campos de petróleo da Rússia, comunicações na América Latina e nas indústrias na Ásia, colocou o governo dos Estados Unidos da América no centro das transformações radicais. Até o momento, os órgãos de emergência que poderiam criar e solucionar crises, eram segundo a autora (2007), os últimos bastiões do controle público, mas que estavam ameaçados pelas futuras lideranças neoconservadoras do governo Norte

Americano. Para Klein (2007, p.342) “a teoria das crises de Friedman estava se tornando pós-moderna”.

Bauman (1999), assim como Hall (2006), admite um estado de crise constante sobre a moral, a cultura e a vida na pós-modernidade. Bauman (1999) propõe o termo *Unsicherheit*, para se referir a segurança incerta, certeza dúbia e a garantia insegura. Para o autor (1999), a ansiedade e as sensações de incomodo, trazidas pela pós-modernidade, derivam da insegurança e, principalmente, da ameaça de uma “violência estrutural do desemprego” que rondam as práticas neoliberais, gerando consequências como “dissipação da autoconfiança, perda de confiança na própria capacidade e nas intenções dos outros, uma crescente incapacitação, ansiedade, esperteza e a tendência a buscar defeitos e apontá-los, a arranjar bodes expiatórios e a agredir” (BAUMAN, 1999, p.21, grifo nosso).

Segundo Brown (2019), ao abordar o neoconservadorismo: os sentimentos cristãos antisseculares, bem como a intolerância e a busca por inimigos públicos baseada nas inseguranças, adquiriram pilares políticos sólidos e legitimidade nas últimas décadas. Para o autor (2019), temos até mesmo dificuldade de nomenclatura. “Trata-se de autoritarismo, fascismo, populismo, democracia não liberal, liberalismo antidemocrático, plutocracia de extrema direita? Ou outra coisa?” (BROWN, 2019, Introdução). Para Brown (2019), poder ser o senso comum da atual cultura neoliberal, que defende a liberdade econômica e as normas sociais tradicionalmente conservadoras (neoconservador), onde o social é inimigo da liberdade. O autor (2019) ainda afirma que, no Brasil, a ascensão desse grupo é chamada de “nova direita”. Veremos, no próximo capítulo, como essa cultura interfere na composição e, conseqüentemente, na governança do Governo Bolsonaro.

O neoliberalismo, na visão de Brown (2019), procura conter o político, retirando-o a da sua soberania democrática e definindo suas energias democráticas. Para o autor (2019), parte das aspirações neoliberais “[..] as afirmações ‘pós-ideológicas’ da tecnocracia até a sua economicização e privatização das atividades governamentais, de sua oposição desenfreada ao ‘estatismo’ igualitário, até sua tentativa de deslegitimar e conter as reivindicações democráticas” (BROWN, p.70, grifo do autor).

De acordo com Klein (2007), foram os neoconservadores, herdeiros intelectuais de Milton Friedman, que lançaram o complexo de capitalismo de desastre nos Estados Unidos pós 11 de setembro. Quanto mais as sociedades são apavoradas, convencidas de um inimigo público à espreita, maior a audiência dos noticiários e as vendas da indústria de segurança (Klein, 2007). “O direito à busca do lucro ilimitado sempre esteve no coração da ideologia neoconservadora.

Diante da Guerra ao Terror, os neoconservadores não abandonaram seus objetivos comparatistas globais”. (KLEIN, 2007, p.382)

Segundo o Bauman (1999), lideranças políticas reconhecendo a insegurança como fator determinante na vida das pessoas, buscam exemplos de transgressões da segurança pública, como bodes expiatórios para promover a ideia de correção e justiça. Bauman (1999), descreve o caso do candidato à presidência dos Estados Unidos, George Bush, que ganhou a eleição após defender a pena de morte para um criminoso durante um debate. “O político identifica um teatro de deliberações, poderes, ações e valores no qual a existência comum é pensada, moldada e governada” (BROWN, 2019, p.68). Klein (2007) afirma que, em 2001, após os atentados de 11 de setembro, o presidente George Bush utilizou a mesma defesa, baseada na insegurança criada pelo estado de choque do atentado, como justificativa para invadir o Iraque e impor a Doutrina de Super Choque na população.

Dali em diante (11 de setembro), em vez de submeter as novas políticas ao debate refratário do Congresso ou entrar em conflito com os sindicatos dos servidores públicos, a casa branca passou a usar o alinhamento patriótico ao presidente e o passe livre da imprensa para deixar de se justificar e começar a trabalhar. (Klein, 2007, p.353)

De acordo com Klein (2007), muitos países bloquearam as políticas da Escola de Chicago preservando o ambiente democrático de decisões coletivas, com a presença de cidadãos se reunindo para enfrentar os Estados de Emergência. Todavia, em um ambiente onde os Capitalistas de Desastre tenham poder nas decisões, o desejo da população é tomado arbitrariamente e substituído pelo comando direto dos apelos feitos pelo mercado. A perspectiva de risco para a economia baseada em desastres, são medidas que tragam estabilidade climática e paz geopolítica (KLEIN, 2007).

### **3 Contextualizando a Condução da Pandemia pelo Governo Bolsonaro**

No dia 24 de março de 2020, o Brasil registrava 1.965 novas infecções por coronavírus, totalizando 47 mortos pela covid-19 no país.<sup>5</sup> No mesmo dia, conforme vídeo disponível no Youtube (2020), o presidente Jair Bolsonaro fez o seu terceiro pronunciamento pela Rede Nacional de Rádio e Televisão desde o início do seu mandato. Aos três minutos e vinte segundos do pronunciamento, o Presidente da República (2020, gravação) comunica à população que

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 29 mai de 2021

“[...] caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”<sup>6</sup>. Segundo a Revista Veja, a repercussão negativa do discurso do presidente, visto pela imprensa internacional como uma minimização do poder do vírus. Isso não o fez abandonar a postura, no mínimo, negacionista, em mais de um ano depois do início da pandemia. Campos (2020) afirma que Bolsonaro tem utilizado publicamente a defesa da tese de imunidade de rebanho com uma suposta racionalidade, mas que o discurso tenta apenas encobrir a premissa obscurantista do seu desejo de que as pessoas aceitem passivamente a fatalidade.

Conforme Jornal O Globo (2020), em 20 de outubro de 2020, o Ministério da Saúde havia anunciado a compra de 46 milhões de doses da vacina Coronovac, produzida pelo laboratório Chinês – Sinovac. No dia seguinte, o próprio presidente da república afirmou que “[...] qualquer vacina antes de ser disponibilizada à população, deve ser comprovada cientificamente pelo Ministério da Saúde e certificada pela Anvisa”. Segundo Carvalho (2020), Bolsonaro ainda alertou “[...] não compraremos uma só dose de vacina da China”, pois de acordo com o mandatário “o povo brasileiro não será cobaia de ninguém”.

A Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid-19 (CPI da Covid) foi instaurada no Senado Federal no dia 13 de abril de 2021 para examinar as ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia (Castro, 2021). Tomou o depoimento do presidente regional da Pfizer na América Latina, Carlos Murillo. Segundo Murillo (2021), o Poder Executivo Federal ignorou ofertas do imunizante da Pfizer ao menos cinco vezes, em oferta formalizada em 14 de agosto de 2020, para fornecimento de 70 milhões de doses da vacina. Ao menos dez e-mails foram ignorados em um único mês pelo governo Bolsonaro, no total, mais de 50 e-mails ignorados no decorrer das tentativas de negociações da fabricante (OLÍMPIO, 2021). De acordo com o Jornal G1 (2021), no dia do depoimento, o Brasil contabilizou um total de quatrocentos e trinta mil e quinhentos e noventa e seis óbitos em decorrência da Covid-19.

### **3.1 Todos Nós Iremos Morrer um Dia**

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid investiga a existência de um gabinete paralelo ao Ministério da Saúde, que estaria orientando as decisões do Presidente Jair Bolsonaro durante o decorrer da pandemia (ZANINI, 2021). No dia 04 de junho de 2021, o Jornal Metrópole (2021) publicou vídeo exclusivo que exhibe uma das reuniões do gabinete

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=V1\\_DYb-XaAE](https://www.youtube.com/watch?v=V1_DYb-XaAE). Acesso em: 29 mai de 2021

paralelo ao Ministério da Saúde, ocorrida no dia 08 de setembro de 2020. No vídeo, o virologista Paolo Zanoto aconselha Jair Bolsonaro a ter extremo cuidado com as vacinas contra o novo coronavírus, pois, segundo Zanoto “A gente não tem condição de dizer no momento, de que qualquer vacina, poderia estar realisticamente no que eles chamam de fase três” (PANCHER; FLORES, 2021). Durante esse período, as vacinas da Sinovac e Pfizer já haviam sido respectivamente descartadas e ignoradas pelo Poder Executivo.

Apoiados nessas evidências, deduzimos que o negacionismo do Presidente da República quanto ao poder destrutivo do vírus, o tenha feito buscar aconselhamento do suposto gabinete paralelo, opostamente ao Ministério da Saúde, onde as recomendações seriam antagonicamente técnicas. O que não podemos deduzir, até aqui, são as razões para o mandatário ter adotado essa postura.

Segundo Chaib e Machado (2021), em um levantamento da CPI da Covid, foram observadas mais de 200 falas do Presidente da República, em que ele minimiza o potencial do vírus, recomenda o uso de hidroxocloroquina e critica o isolamento social. Seguem no quadro abaixo, alguns comentários do Presidente da República a respeito da pandemia em seu decorrer.

Quadro 2 – Bolsonaro a respeito do Isolamento Social

Data	Comentário
17 de março de 2020	[..] tem alguns governadores no meu entender, posso até estar errado. Mas estão tomando medidas que vão prejudicar e mais... e muito a nossa economia.
27 de março de 2020	“Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. É a vida. Você não pode parar uma fábrica de automóveis porque há mortes nas estradas todos os anos”
29 de março de 2020	Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrenta-lo, mas enfrentar como homem, porra, não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia.
19 de Abril de 2020	Os Estados estão quebrados. Falta humildade para essas pessoas que estão bloqueando tudo de forma radical.
03 de Maio de 2020	Sabemos hoje dos efeitos do vírus, mas infelizmente muitos serão infectados, infelizmente, muitos perderam suas vidas também, mas é uma realidade que teremos que enfrentar
07 de Julho de 2020	Medidas exageradas, ao meu ver, ou não, levaram um certo pânico à sociedade no tocante ao vírus. Todo mundo sabia que mais cedo ou mais tarde o vírus ia atingir uma parte considerável da população
18 de setembro de 2020	Vocês (Agrônomos) não pararam durante a pandemia, vocês não entraram na conversinha mole de fica em casa e economia vemos depois, isso é para os fracos.
10 de novembro de 2020	Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, todos nós vamos morrer um dia.

04 de março de 2021	Onde vai parar o Brasil se nós pararmos? A própria bíblia diz 'não temas'. Todos nós vamos sofrer se não tomarmos as medidas certas e com coragem.
04 de março de 2021	Não fiquem me acusando de fazer aglomeração, em todo lugar tem. Vamos combater o vírus, mas não de forma ignorante, burra, suicida.
31 de março de 2021	Tínhamos e temos dois inimigos, o vírus e o desemprego. É uma realidade. Não é ficando em casa que vamos solucionar este problema.
10 de Abril	Eu tenho o poder de, numa canetada, fazer um lockdown no Brasil todo, mas isso não será feito.

Fonte: Elaboração própria, com base em informações dos jornais Uol, Correio24horas, Folha de São Paulo, ValorInveste, e Jornal de Brasília.

Para Morel (2021), a negação da pandemia está em um conforto emocional de compartilhar narrativas que deslegitimam valores de grupos opostos, no qual a população envolvida deposita esperanças em remédios milagrosos, negam a realidade da qual são vítimas ou até mesmo defendem a perspectiva do lucro. No quadro acima, observamos que a narrativa criada pelo Presidente Bolsonaro, coloca o temor de uma recessão econômica frente ao risco direto a vida dos brasileiros. Não obstante, também observamos que, na narrativa do Presidente, o Estado Brasileiro fica imobilizado frente às adversidades econômicas causadas pela pandemia.

Conforme observamos nos estudos de Klein (2007), na narrativa neoconservadora, que almeja o Capitalismo de Desastre, a busca pelo lucro é ilimitada, e a autora considera até mesmo genocídio praticado por atores políticos da Doutrina. Partindo de Bauman (1999), observamos que a racionalidade em um cenário de insegurança, garante pouca ou nenhuma consistência lógica, o que aponta uma razão para a persistência do discurso negacionista e a constante tentativa de deslegitimar as medidas sanitárias opostas a premissa do discurso do Presidente, envolvimento de desconfianças das intenções dos outros.

Segundo a CNN Brasil (2020), a campanha “O Brasil não pode parar” foi produzida e divulgada pelo Governo Federal, através da Secretaria Especial de Comunicação Social (SECOM). Em um vídeo da campanha, lançado no final de março de 2020, é defendido que “com cuidado e consciência, voltar à normalidade”. A campanha foi logo removida por determinação da Justiça Federal do Rio de Janeiro (FERNANDES, 2020). De acordo com Marques e Santos (2021), no dia 13 de maio de 2020, mesmo com a remoção completa da campanha, o Presidente da República reutilizou a mesma sentença, “O Brasil não pode parar” em seu site oficial. Todavia, o Governo Federal afirmou que a campanha não passou de um “ato isolado de comunicação” (COELHO, 2020).

Na manhã do dia 03 de maio de 2020, o Presidente Jair Bolsonaro se juntou pela segunda vez a uma manifestação que exigia o fechamento do Supremo Tribunal Federal. Bolsonaro

transmitiu ao vivo a sua participação nas próprias redes sociais, onde teceu críticas ao isolamento social e às medidas restritivas adotadas pelos governadores das Unidades Federativas (JORNAL G1, 2020). Bolsonaro não foi apenas negligente ao contrariar os protocolos de prevenção e combate ao novo coronavírus recomendado pelo Ministério da Saúde<sup>7</sup>, ele estimulou a aglomeração naquele dia. No entanto, não foi o primeiro, ou o último evento com grande concentração de pessoas do qual o Presidente da República esteve. De acordo com Sandes (2020), de 13 de março a 13 de maio de 2020, Bolsonaro esteve em média, uma aglomeração por dia.

Em um levantamento realizado pelo jornal O Estado de São Paulo (2021), desde o início da Pandemia, em março de 2020, o Presidente da República viajou para 76 cidades brasileiras e causou 99 aglomerações, evitando a utilização de máscaras em grande parte dos eventos que participou, incluindo quatro manifestações pró-governo que participou. Dessas, Bolsonaro fez uso da máscara em apenas uma.

Conforme evidência Ventura (2021), a estratégia do Governo Federal na pandemia é composta por três eixos. O primeiro eixo segundo a autora (2021) é a propaganda promovida pelo Governo Federal, que busca viabilizar argumentações ideológicas para deslegitimar autoridades sanitárias e diminuir a adesão popular às recomendações de saúde baseadas em evidências científicas. O segundo eixo são os atos de obstrução às medidas tomadas pelos governos estaduais e municipais, que visam evitar o colapso no sistema de saúde, incluindo medidas de distanciamento social (VENTURA, 2021). Ainda para a autora (2021), o terceiro eixo são os atos normativos da União, como a redefinição de um conjunto massivo de atividades econômicas que foram declaradas como essenciais. Para Ventura (2021), a estratégia do Governo Federal sempre foi possibilitar a propagação do vírus no Brasil.

Diante das afirmações de Ventura (2021), bem como pelas colocações feitas anteriormente neste artigo, acerca da narrativa normalizadora das mortes decorrentes da pandemia pelo Presidente da República em nome da economia, assim como a explicitação das tratativas do Poder Executivo Federal com as fabricantes de vacina, podemos constatar, apoiados na Teoria da Doutrina do Choque, que, a partir dos pontos evidenciados, o objetivo do Governo Bolsonaro é impor a preservação dos interesses econômicos, frente à vida da população brasileira. Assim como Klein (2007) descreve o aproveitamento dos corporatistas, durante o Estado de Choque causado pelos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1112-recomendac-a-o-n-022-de-09-de-abril-de-2020>. Acesso em: 30 jun de 2021

estamos diante de uma proximidade retórica no discurso do Governo Bolsonaro no controle da Pandemia, no qual Capitalistas de Desastre não ditam limites para manter os lucros.

### **3.2 Granada no Bolso dos Servidores**

A PEC 32/2020 é uma proposta de Emenda à Constituição de autoria do Poder Executivo Federal, assinada pelo Ministro Paulo Guedes, que visa alterar os dispositivos que regem os servidores e empregados públicos, modificando direta e indiretamente a organização da administração pública do Brasil em todos os Poderes da União, Estados, Distrito Federal e Municípios<sup>8</sup>. De acordo com Amaral (2021), em nota técnica da Consultoria de Orçamentos Fiscalização e Controle do Senado Federal, a Emenda “representa diversos impactos fiscais, tais como facilitação da captura do Estado por agentes privados e redução da eficiência do setor público em virtude da desestruturação das organizações” (AMARAL, p.41, 2021). Na nota técnica, Amaral (2021) estipula ainda que a PEC 32/2020 propende a piorar a situação fiscal da União. A Associação Nacional dos Servidores do Judiciário Federal (2021) considera que existe distorção no entendimento do estudo utilizado como base para a Emenda e que a ausência de motivo e desvio da finalidade são vícios presentes no ato proposto pelo governo. Ainda em março de 2021, a câmara dos Deputados aprovou a PEC 186, um projeto de lei aventado pelo Poder Executivo. A Emenda propôs o congelamento do salário de servidores públicos da União, Estados, Distrito Federal e Municípios por 15 anos (CONDSEF, 2021).

De acordo com Vaiano (2021), o CNPq em 2021, terá apenas 13% das bolsas para projetos de pesquisa aprovadas que serão pagas, isso significa que somente 396 dos 3080 doutorados e pós-doutorados aprovados terão seus projetos financiados. Para a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (2021), o corte de R\$5 bilhões no orçamento de 2021, mais um bloqueio de R\$ 2,7 bilhões do Ministério da Educação pode inviabilizar o funcionamento das Universidades Federais em 2021.

Conforme explicita Klein (2007), a dissolução do serviço público é um dos principais pilares almejados pelos neoconservadores e ideólogos da Universidade de Chicago. O fim do serviço público e as privatizações possibilitam um perpétuo ambiente de riscos e de crises. Uma característica cultuada entre os neoliberais, que Brown (2019) descreveu como o social inimigo

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2262083>. Acesso em: 30 jun de 2020.

da liberdade. Esses elementos são demonstrados por Klein (2007) nas recomendações de Friedman ao general Pinochet.

Em 22 de maio de 2020, o ministro Celso de Mello do Supremo Tribunal Federal (STF) liberou acesso ao vídeo da reunião ministerial realizada em 22 de abril de 2020 com presença de membros do Governo, incluindo o Presidente da República e todos os ministros. O vídeo estava sob sigilo no Inquérito 4831, que apura declarações do Presidente Bolsonaro, a respeito da sua suposta tentativa de interferência política na Polícia Federal (PORTAL STF, 2020). No vídeo da reunião, o Ministro da Economia Paulo Guedes, faz as seguintes declarações:

Quadro 3 – Frases do Ministro Paulo Guedes

Tempo	Comentário
2:49	Eu conheço todas as histórias de reconstrução[...] a reconstrução da Alemanha... A reconstrução da Alemanha na Segunda Guerra [...] a reconstrução da Economia do Chile, com os caras de Chicago [...] eu conheço profundamente, no detalhe, não é de ouvir falar.[...] eu li Keynes três vezes no original antes de chegar a Chicago.
05:21	[...] é dinheiro que nós vamos botar, usando a melhor tecnologia financeira lá de fora. Nós vamos botar dinheiro... vai dar certo. Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos para salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas.
05:54	Nós caímos no chão, está uma confusão. Tiro porrada e bomba... Mas nós não perdemos a bússola [...] Nós sabemos o que estamos defendendo... estamos defendendo liberdade...liberdade econômica... liberdade política... Nós sabemos o que estamos defendendo.
06:16	E estamos agora no meio dessa confusão derrubando a última torre do inimigo [...] é nessa confusão toda, todo mundo achando que estamos distraídos, abraçaram a gente, enrolaram a gente. Nós já botamos a granada no bolso do inimigo (servidores públicos), dois anos sem aumento de salário. Era a terceira torre que nós tínhamos que derrubar.
07:05	Isso vai nos dar uma tranquilidade de ir até o final. Não tem jeito de fazer um Impeachment se a gente estiver com as contas arrumadas, tudo em dia... Cabo não tem jeito, não tem jeito.

Fonte: Video Reunião Ministerial de 22 de Abril – Parte 08.

Diante das informações abordadas, observamos que a política de estado mínimo exercida pelo Poder Executivo interfere além da economia o funcionamento pleno da função pública. Existe uma disposição do Governo Federal em impor medidas que desregulam o papel do estado, evidenciando assim a influência da Escola de Chicago na atual conjuntura do Poder Executivo, como é possível notar nas falas do Ministro Paulo Guedes que mostram as

possibilidades de a Pandemia distrair os adversários políticos, permitindo a conquista dos objetivos econômicos e administrativos.

As políticas públicas adotadas pelo Ministério da Economia e as falas do Ministro Guedes (2021) no vídeo da reunião ministerial são correspondentes ao seu grau de instrução baseado nas convicções da Escola de Chicago e levantam mais indícios do que o objetivo de acertar as contas públicas e sair da crise após a pandemia. Corroboram com a afirmação de Brown (2019) a respeito da tentativa neoliberal de deslegitimar reivindicações democráticas. Apontam também uma clareza nas decisões do Ministério da Economia diante da crise provocada pela Covid-19.

Klein (2007) afirma que o avanço do Choque Econômico no Iraque foi caracterizado pela imposição de mudanças legislativas atribuídas a agenda neoliberal estadunidense em meio a pior crise vivenciada pela população iraquiana. Guedes, ao dar exemplo da reconstrução da economia do Chile pelos *Chicago Boys*, evento já supracitado nas considerações de Klein (2007). Também ao afirmar que “não perdemos a bússola” e que “estamos no meio dessa confusão toda derrubando a última torre do inimigo”, evidência que, assim como na afirmação de Klein (2007) a respeito das políticas públicas adotadas no Iraque, independente do cenário, as reformas irão acontecer com um manejo do choque provocado pelo vírus em prol do pilar neoliberal. Enquanto as pessoas inseridas no Choque buscam apoio no Estado, a tática do Ministro Guedes já foi implantada.

### **3.3 Passando a Boiada**

Em 2020, o desmatamento da Amazônia legal atingiu 8.058Km<sup>2</sup> de área nativa, crescendo 30% em comparação a 2019, o maior dos últimos 10 anos (IMAZON, 2021). Em 2009, o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais apresentou na Convenção do Clima em Copenhague, redução de 80% no desmatamento do bioma. Em 2020, o desmatamento do Bioma Amazônico registrado pelo INPE foi três vezes maior do que a meta do país proposto para Convenção do Clima (DANTAS, 2020). De acordo com o World Resources Institute (2021), o Brasil foi o país que mais perdeu vegetação nativa em 2020.

Ainda no vídeo da reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020, o Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, faz as seguintes afirmações no minuto 00:16 da parte 0002:

Acho que o que eu vou dizer aqui sobre o meio ambiente, também se aplica a outras matérias. Nós temos a possibilidade nesse momento que a atenção da imprensa está voltada quase que exclusivamente para a covid. [...] A oportunidade que nós temos, que a imprensa está nos dando um pouco de alívio, é passar as reformas infra legais, de

desregulamentação, simplificação [...] precisa ter um esforço nosso enquanto estamos em um momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid, e ir passando a boiada, e ir mudando todo o regramento [...] então, isso aí vale muito a pena. (Ricardo Salles, 22 de abril de 2020, Parte 0002 do Video Liberado pelo STF)

Um estudo organizado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (2021), coletou dados de medidas normativas expedidas pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) de janeiro de 2019 a dezembro de 2020, analisando 524 medidas do Ministério. De acordo com a análise dos pesquisadores, normas lançadas pelo MMA ainda em janeiro de 2020, visam enfraquecer a punição de infratores ambientais, com larga redução no número de autos de infração, apreensões e pagamento de multas, além de aumentar o risco de prescrição de milhares de processos de infração ambiental e gerar a sensação de impunidade frente a danos causados no meio ambiente. Segundo o estudo (2021), normas emitidas no decorrer de 2020 buscaram enfraquecer a estrutura do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Essas normas também redirecionam as atuações do MMA e o objetivo da agenda ambiental e apresentam grave risco à política ambiental.

De acordo com Klein (2007), os desastres futuros não precisam ser orquestrados por teorias obscuras, basta o atual estado das coisas. A autora (2007) se refere como a visão do modelo econômico especulativo neoliberal busca o lucro a curto prazo e como isso cria um ciclo vicioso no qual os desastres naturais são promovidos por políticas que desprezam a preservação ambiental. Para Klein (2007), esse ciclo insustentável é utilizado pelos Capitalistas de Desastre no aparecimento de novos desastres que acarretarão no Choque.

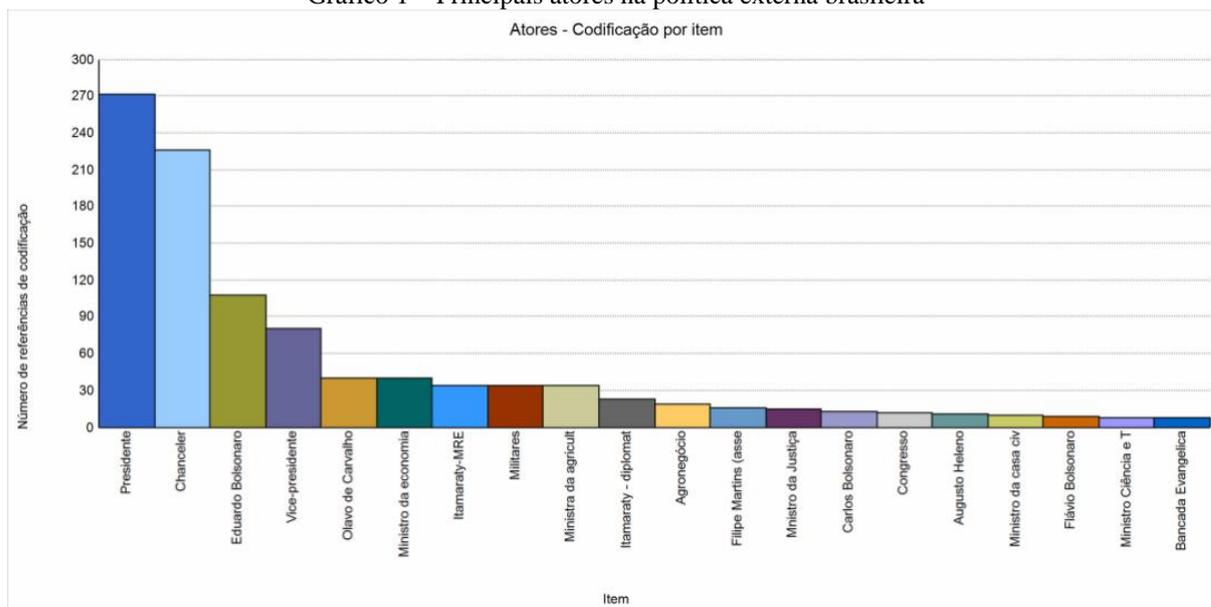
Diante das informações expostas, demonstramos a existência de um descaso com a política de preservação ambiental já no início do Governo Bolsonaro e que agravou-se no decorrer de 2020, com um conjunto massivo de medidas de desregulamentações infra legais, visando relaxar a política ambiental e emancipar a responsabilidade do estado brasileiro de garantir a preservação do meio ambiente. As falas do Ministro Ricardo Salles na reunião ministerial, evidenciam as afirmações de Klein (2007) da necessidade dos Capitalistas de Desastre em aproveitar a regressão do comportamento social em decorrência do Choque para promover as reformas neoliberais. Observando a partir dos conceitos de Klein (2007), Salles propõe usar o Choque Traumático causado pela pandemia para acelerar e suprir as reformas propostas pelo Poder Executivo Federal.

### **3.4 Chegamos ao Limite**

Cardoso Jr (2019) afirma que oligofrenia, prepotência e desumanidade são as principais personalidades que rondam o desmonte do estado brasileiro no governo Bolsonaro. Para o autor,

elas ainda se espalham entre os núcleos que compõem o governo: Midiático e Ideológico (Família Bolsonaro e Olavistas), Núcleo Jurídico e Militar, Núcleo liberal e Fundamentalista. A influência do aparato Midiático e Ideológico no Governo Bolsonaro previsto por Cardoso Jr (2019), é evidenciado por Mesquita (2019) na presença de atores não oficiais na política externa brasileira entre outubro de 2018 e maio de 2019. Conforme aponta o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Principais atores na política externa brasileira



Fonte: Mesquita, Bárbara. Atores da Política Externa no governo Bolsonaro

Em governos autoritários, a governabilidade concentra poderes nas tecnocracias que reforcem a capacidade de decisão do Poder Executivo, evitando ação das forças políticas e sociais externas ao governo. Já em governos democráticos, há a capacidade de constituir uma dinâmica participativa dos grupos afetados pelas políticas públicas (CARDOSO JR, 2019). Afirmarões tecnocratas, assim como a privatização das funções do estado, são características das aspirações neoliberais definidas por Brown (2019). Klein (2007) afirma que a Escola de Chicago avança com a cooperação de líderes políticos linha-dura e ideólogos cruzadistas. De acordo com Pinto (2019), a crise política e democrática se intensificou no governo Bolsonaro, pois o Poder Executivo polariza as divergências políticas, inibindo a existência de um projeto nacional unificador em um plano econômico, político e ideológico que restabeleça a confiança do capital público e privado. Seria preciso cessar os ataques às instituições democráticas e considerar estimular a economia com recursos públicos, faz-se necessário também o diálogo com a oposição. Para o autor (2019), a ideia do antimarxismo cultural vivido pelo Presidente da República e sua cúpula governamental, impossibilita qualquer sinal de uma boa governança. “Apesar de ser loucura, ainda assim revela método” (PINTO, 2019, p.29).

Conforme observamos nos capítulos anteriores, Bauman (1999) afirma que é uma característica dos sintomas da ansiedade causada pela insegurança das crises pós-modernas, a necessidade de procurar culpados, e como políticos a utilizam. Essa loucura do antimarxismo cultural como um suposto inimigo público dentro do núcleo do governo, demonstra o uso das inseguranças públicas pelo bolsonarismo.

No dia 07 de março de 2020, o Presidente Bolsonaro convocou apoiadores para que participassem de manifestação organizada por grupos bolsonaristas, marcada para o dia 15 do mesmo mês. O objetivo da manifestação era demonstrar apoio ao presidente frente ao Congresso e ao Judiciário (CARAM; PIRES; LEMOS, 2020). No dia da manifestação, mesmo com a recomendação das autoridades de saúde pedindo para que a população evitasse aglomerações, foram registradas manifestações em 22 capitais do país, com a participação de Bolsonaro no Distrito Federal. Em bandeiras e cartazes, manifestantes pediam Intervenção Militar, Fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal (JORNAL G1, 2020). Na manifestação do dia 03 de maio de 2020, Bolsonaro foi até o Palácio do Planalto para cumprimentar e discursar aos manifestantes (FERNANDES; PUPO, 2020). Segundo Carboni e Victor (2020), diante dos cartazes e bandeiras pedindo intervenção militar nos Poderes e a volta do Ato Institucional nº 05. Bolsonaro afirmou: “Tenho certeza de uma coisa, nós temos o povo ao nosso lado, nós temos as Forças Armadas ao lado do povo, pela lei, pela ordem, pela democracia, e pela liberdade. E o mais importante, temos Deus conosco”, também indagou que “Chegamos ao limite”.

Segundo o Jornal G1 (2020) foi nessa manifestação, também em frente ao Palácio do Planalto, que jornalistas da Folha de São Paulo, O globo e Poder 360 sofreram ofensas e agressões. Uma equipe do Jornal O Estado de São Paulo, composta por um fotógrafo, dois jornalistas e um motorista, foram agredidos fisicamente. No dia 05 do mesmo mês, Bolsonaro ao ser questionado sobre a tentativa de interferência política na troca de comando da Polícia Federal, se referiu aos repórteres “calar a boca”... “cala a boca, cala a boca”. Um levantamento feito pela ONG Repórteres Sem Fronteiras, registrou 469 ataques a imprensa pela Família Bolsonaro em 2020, 103 dessas, partindo do Chefe do Poder Executivo (COLETTA, 2020).

É primordial parecer que, na manhã do dia 30 de março de 2021, o Deputado Vitor Hugo, líder do PSL na Câmara, tentou pautar votação de um projeto de Lei que concederia ao Presidente da República poder de Mobilização Nacional durante a Pandemia, podendo mobilizar civis, servidores e militares, assumindo assim comando direto das polícias civis e militares. O pedido não passou, e deputados chamaram de intenção de golpe (CALGARO, 2021). Na mesma manhã, os comandantes da Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e Força

Aérea Brasileira realizaram uma demissão conjunta, após atritos e pressão do presidente Jair Bolsonaro, que desejava apoio político das Forças Armadas em decisões para combater medidas de restrição e isolamento à circulação do vírus (GIELOW; SASSINE; URIBE, 2021).

A partir das evidências levantadas, podemos apontar que a estrutura neoconservadora do Governo Bolsonaro, assim como a sua premissa autoritária e polarizadora, colabora para a permanência de um ambiente de crise constante, com ameaças recorrentes à democracia durante a Pandemia. Observamos essa correlação entre o neoliberalismo e o definhamento da democracia nas afirmações de Brown (2019).

Klein (2007) afirma que, após o dia 11 de setembro, o alinhamento patriótico ao presidente dos EUA promovido pelo Choque, deu passe livre para que o governo adotasse novas políticas sem a participação do congresso e dos sindicatos envolvidos. O mesmo poderia acontecer no Brasil, mas com o trauma causado pela Pandemia. A partir de Klein (2007) percebemos que assim como, no Sri Lanka, o que impede a livre imposição das medidas neoconservadoras que partem do Poder Executivo no Brasil, são as etapas democráticas envolvidas, apesar de debilitadas pelas constantes ameaças ao sistema democrático. Enquanto Bolsonaro e seus apoiadores insuflam Golpe de Estado nas ruas, brasileiros tentam preservar vidas, seguindo os protocolos sanitários da pandemia. Fazemos aqui um paralelo com um possível golpe de estado no Brasil, Klein (2007) descreve a América Latina como o ambiente onde existe uma esperança e entusiasmo em experimentar ideias que já foram enterradas no passado.

#### **4 Considerações Finais**

A teoria da Doutrina do Choque aborda a premissa do pensamento neoliberal em aproveitar crises para a criação e o manejo de choques que impõem medidas de livre mercado sobre populações e revelam um Capitalismo de Desastre. A pandemia causada pelo novo coronavírus acarretou um grande choque em todo o globo, a perda de sentidos referenciais pelo impacto das mortes decorrentes da doença e o abalo econômico internacional, criaram oportunidades para os Capitalistas de Desastre atuarem entre realidade e compreensão dos eventos. No Brasil, a condução da pandemia por um governo declarado neoconservador, expõe dúvidas a respeito dos objetivos.

Até o momento em que escrevemos esse artigo, a Covid-19 provocou mais de quatrocentos e setenta e três mil e quatrocentos e noventa e cinco óbitos no Brasil. Esclarecer a condução dos choques durante a pandemia no Brasil pode trazer uma percepção do que

aconteceu. Além do mais, esse artigo pode contribuir para uma consolidação acadêmica da teoria da Doutrina do Choque.

No decorrer da análise, evidenciamos a suposta intercessão da Doutrina do Choque nas decisões dos agentes políticos do Poder Executivo Federal atinente a pandemia. Como resultado dos indícios coletados, podemos inferir, de acordo com as concepções de choque e neoliberalismo abordadas, que as políticas públicas e a comunicação do Governo Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19, foram presumidamente influenciadas pelo mercado, e outros fatores determinados na teoria da Doutrina do Choque, assim como nos fundamentos da pós-modernidade.

Ao abordarmos a teoria da Doutrina do Choque e a perspectiva da pós-modernidade, demonstramos que existe uma correlação entre as duas teorias na utilização da insegurança causada por fatores interpessoais, mediados pela influência de agentes neoconservadores no desenvolvimento dessa realidade. Evidenciamos a omissão e a indiferença do Poder Executivo frente às mortes causadas por Covid-19, juntamente a utilização de princípios da Doutrina do Choque como estratégia para promover a redução do estado, através de desregulamentações de políticas econômicas e ambientais com ausência de levante popular durante a pandemia. Também observamos o desenvolvimento de um clima de golpe e de constante sensação de crise promovida pelo Governo Bolsonaro no decorrer da Pandemia.

O resultado desse estudo satisfaz os objetivos definidos inicialmente, mas observamos limitações. A pesquisa qualitativa é unilateral e busca apenas os fatos que corroborem com a Teoria da Doutrina do Choque. Portanto, acreditamos ser crucial um levantamento de dados e informações mais extenso. Em complemento, também destacamos a necessidade de uma análise que se estenda dentro dos campos abordados. Consideramos a possibilidade da Necropolítica ter uma melhor correlação com a Doutrina do Choque dentro do tema abordado. As informações disponíveis na Pandemia ainda se estruturam, para que talvez possamos fundamentar com dados mais congruentes futuramente.

## **Referências**

AMARAL, Vinícius Leopoldino. **Aspectos Fiscais da PEC 32/2020**. Consultoria de Orçamentos, Fiscalização e Controle. Brasília: Senado Federal, 2021.

Associação dos Docentes da Universidade de Brasília. **Educação é a área mais atingida pelos cortes de Bolsonaro**. Brasília. 2021. Disponível em: <https://www.adunb.org/post/educação-é-a-área-mais-atingida-pelos-cortes-de-bolsonaro>. Acesso em: 30 mai. 2021

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **A vida Fragmentada: Ensaio sobre a Moral Pós-Moderna**. Lisboa: Relógio D'Água Edições, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da Política**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1997.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CALLINICOS, Alex. **Contra El Postmodernismo**. 1989.

CAMPOS, Gastão W. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00279111. DOI 10.1590/1981-7746-sol00279

CARAM; PIRES; LEMOS. **Bolsonaro chama população às ruas no dia 15 e diz que ato não é contra o Congresso**. Jornal Folha de São Paulo. 07, março de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/politico-que-tem-medo-de-rua-nao-serve-para-ser-politico-diz-bolsonaro-sobre-dia-15.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2021

CARBONI; VICTOR. **“Chegamos ao limite”**: Bolsonaro discursa em manifestação e cita **Forças Armadas**. Jornal Poder 360. 03, maio de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/chegamos-ao-limite-diz-bolsonaro-ao-citar-forcas-armadas-para-cumprir-a-constituicao/>. Acesso em: 30 mai. 2021

CARDOSO, José Celso. **Desmonte do Estado no governo Bolsonaro**: menos república, menos democracia e menos desenvolvimento. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

CHAIB; MACHADO. **CPI mira discursos do governo e levanta 200 falas negacionistas de Bolsonaro**. Jornal Folha de São Paulo. 30, abril de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/cpi-mira-discursos-do-governo-e-levanta-200-falas-negacionistas-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2021

CHILDS, David. **Britain Since 1945: A Political History**. Nova York: Routledge, 2001.

CNN Brasil. **Governo lança campanha 'Brasil Não Pode Parar' contra medidas de isolamento**. 27, março de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/27/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contramedidas-de-isolamento>. Acesso em: 30 mai. 2021

COELHO, Gabriela. **Propaganda 'Brasil não pode parar' foi um ato isolado, diz governo ao Supremo**. Jornal CNN Brasil. 23, abril de 2020. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/23/propaganda-brasil-nao-pode-parar-foi-um-ato-isolado-diz-governo-ao-supremo>. Acesso em: 30 mai. 2021

Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal. **Bolsonaro aprova congelamento salarial dos servidores por 15 anos**. 12, março de 2021. Disponível em: <https://www.condsef.org.br/noticias/bolsonaro-aprova-congelamento-salarial-dos-servidores-por-15-anos>. Acesso em: 29 mai. 2021

Correio Braziliense. **Randolfe Rodrigues revela que governo brasileiro ignorou mais de 50 e-mails da Pfizer**. 04, junho de 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2021/06/4928952-randolfe-rodrigues-revela-que-governo-brasileiro-ignorou-mais-de-50-e-mails-da-pfizer.html>. Acesso em: 04, junho de 2021. Acesso em: 04 jun. 2021

DANTAS, Carolina. **Desmatamento na Amazônia em 2020 é mais de 3 vezes superior à meta proposta pelo Brasil para a Convenção do Clima**. Jornal G1. 01, dezembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/12/01/desmatamento-no-brasil-em-2020-e-mais-de-3-vezes-superior-a-meta-proposta-para-a-convencao-do-clima.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2021

FERNANDES, Talita. **Após proibição da Justiça, governo apaga mensagens de campanha anticonfinamento**. Jornal Folha de São Paulo. 28, março de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/apos-proibicao-da-justica-governo-apaga-mensagens-de-campanha-anticonfinamento.shtml>. Acesso em: 29 mai. 2021

FERNANDES; PUPO. **Bolsonaro volta a apoiar ato contra STF e Congresso e diz que Forças Armadas estão 'ao lado do povo'**. Jornal Folha de São Paulo. 03, maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/ato-pro-bolsonaro-em-brasilia-tem-carreata-e-xingamentos-a-moro-stf-e-congresso.shtml>. Acesso em: 28 mai. 2021

Folha de São Paulo. **Atrito com Bolsonaro derruba comandantes das Forças Armadas, na maior crise militar desde 1977**. 30, março de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/comandantes-das-forcas-armadas-pedem-demissao-em-protesto-contrabolsonaro.shtml>. Acesso em: 01 jun. 2021

Folha de São Paulo. **Bolsonaro fala em traição e diz que não vai comprar vacina chinesa**. 21, outubro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/bolsonaro-fala-em-traicao-e-diz-que-nao-vai-comprar-vacina-chinesa.shtml>. Acesso em: 28 mai. 2021

Folha de São Paulo. **Bolsonaro manda repórteres calarem a boca, ataca a Folha e nega interferência na PF**. 05, maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-manda-reporteres-calarem-a-boca-ataca-a-folha-e-nega-interferencia-na-pf.shtml>. Acesso em: 01 jun. 2021

FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and Freedom**. Chicago: Universidade de Chicago, 1962.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

Instituto de Estudos Socioeconômicos. **Dando nome aos bois**. Brasília: INESC, 2021. Disponível em: <https://www.inesc.org.br/dando-nome-aos-bois-analise-das-medidas-infralegais-para-o-meio-ambiente-nos-primeiros-dois-anos-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 29 mai. 2021

Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia. **Desmatamento na Amazônia cresce 30% em 2020 e bate recorde dos últimos dez anos**. 18, janeiro de 2021. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-30-em-um-2020-e-bate-recorde-dos-ultimos-dez-anos/>. Acesso em: 29 mai. 2021

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Editora Ática, 1997.

Jornal G1. **Cidades brasileiras têm atos pró-governo.15, março de 2020**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/15/cidades-brasileiras-tem-atos-pro-governo.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2021

Jornal G1. **Profissionais de imprensa são agredidos durante manifestação antidemocrática com a presença de Bolsonaro**. 03, maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/03/profissionais-de-imprensa-sao-agredidos-durante-manifestacao-antidemocratica-com-a-presenca-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2021

Jornal G1. **Tentativa de ampliar poderes de Bolsonaro na pandemia fracassa na Câmara; opositores apontam intenção de 'golpe'**. 30, março de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/30/lider-do-psl-tenta-mas-nao-consegue-pautar-projeto-que-amplia-poderes-de-bolsonaro-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2021

Jornal O Globo. **Bolsonaro desautoriza Pazuello e suspende compra da vacina CoronaVac**. 21, outubro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/21/bolsonaro-desautoriza-pazuello-e-suspende-compra-da-vacina-coronovac.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2021

Jornal O Globo. **Bolsonaro volta a apoiar ato antidemocrático contra o STF e o Congresso, em Brasília**. 03, maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/05/03/bolsonaro-volta-a-apoiar-ato-antidemocratico-contra-o-stf-e-o-congresso-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2021

Jornal O Globo. **Brasil ultrapassa 430 mil mortes por Covid**. 13, junho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/13/brasil-ultrapassa-430-mil-mortes-por-covid-com-2340-registradas-em-24-horas.ghtml>. Acesso em: 29 mai. 2021

Revista Veja. **Imprensa internacional repercute discurso de Bolsonaro**. 25, março de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/imprensa-internacional-repercute-discurso-incendiario-de-bolsonaro/>. Acesso em: 29 mai. 2021

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: A Ascensão do Capitalismo de Desastre**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2007.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1979.

MESQUITA, Barbara. **Atores da Política Externa no governo Bolsonaro**. Boletim LeRPE. 03, agosto de 2020. Disponível em: <https://www.boletimlepe.uerj.br/post/atores-da-politica-externa-no-governo-bolsonaro>. Acesso em: 30 mai. 2021

Ministério da Saúde do Brasil. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>

MOREL, Ana P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. Trabalho, Educação e Saúde, v. 19, 2021, e00315147. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00315

MUNOZ, Heraldo. **A Sombra do Ditador: Memórias políticas do Chile sob Pinochet**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

O Estado de São Paulo. **Eventos de Bolsonaro durante a pandemia**. 06, junho de 2021. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/politica/2021/06/deslocamentos-jair-bolsonaro-pandemia/>. Acesso em: 06 jun. 2021

PANCHER; FLORES. **Exclusivo: vídeos mostram “ministério paralelo” orientando Bolsonaro contra vacinas**. Jornal Metrópoles. 04, junho de 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/exclusivo-videos-mostram-ministerio-paralelo-orientando-bolsonaro-contravacinas>. Acesso em: 04 jun. 2021

PINTO, Eduardo Costa. **Bolsonaro e os Quartéis: a loucura com método**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD\\_IE\\_006\\_2019\\_PINTO.pdf](https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2019/TD_IE_006_2019_PINTO.pdf)

Portal do Supremo Tribunal Federal. **Ministro Celso de Mello autoriza acesso a vídeo de reunião ministerial**. 22, maio de 2020. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=443959&ori=1>. Acesso em: 27 mai. 2021

SANDES, Arthur. **Bolsonaro esteve, em média, em uma aglomeração por dia durante a pandemia**. Jornal Uol. 15, maio de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/17/bolsonaro-esteve-em-media-em-uma-aglomeracao-por-dia-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 28 mai. 2021

Senado Notícias. **CPI da Covid é criada pelo Senado**. 13, abril 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid/#conteudoPrincipal>. Acesso em: 27 mai. 2021

THATCHER, Margaret. **Carta Pessoal**, Destinatário: Friedrich Von Hayek. 10 Downing Street, 17 fevereiro de 1982, Tipo Correspondência em Carta. **Acessado em:** 11 de abril de 2021. Disponível em url: <https://www.margareththatcher.org/document/117179>. Acesso em: 15 abr. 2021

VAIANO, Bruno. **CNPq só conseguirá pagar 13% das bolsas aprovadas para cientistas em 2021**. Revista Abril. 23, abril de 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/cnpq-so-conseguira-pagar-13-das-bolsas-aprovadas-para-cientistas-em-2021/>. Acesso em: 29 mai. 2021

VENTURA, Deisy. **Direitos na Pandemia**. São Paulo, Ed.10: Conectas Direitos Humanos, 2021.

WEISSE; GOLDMAN. **Primary Rainforest Destruction Increased 12% from 2019 to 2020**. Global Forest Watch. 31, março de 2021. Disponível em: <https://www.globalforestwatch.org/blog/data-and-research/global-tree-cover-loss-data-2020/>. Acesso em: 28 mai. 2021



CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA - CAMPUS DE TUBARÃO

**MICHEL MARTINS KJELLIN**

**POLÍTICA PÓS-MODERNA SOB A PERSPECTIVA DA DOCTRINA DO CHOQUE:  
ANÁLISE DO EMPREGO DA CRISE NO GOVERNO BOLSONARO DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19**

Este artigo foi julgado adequado à obtenção do grau de bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final com média 10, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

01/07/2021

Prof. Dr. Lucas Pereira Damazio (Orientador)

Prof<sup>a</sup>. Me. Darlete Cardoso (Convidada)

Prof. Esp. Mauro Fucilini (Convidado)



CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA - CAMPUS DE TUBARÃO

Acadêmico(a): Michel Martins Kjellin

Título do artigo: Política pós-moderna sob a perspectiva da doutrina do choque: análise do emprego da crise no Governo Bolsonaro durante a pandemia de covid-19

**Nota 1 – Orientador(a): Lucas Pereira Damazio**

**Nota 2 – Convidado(a) 1: Darlete Cardoso**

**Nota 3 – Convidado(a) 2: Mauro Fucilini**

<b>CrITÉrios de AvaliaÇão</b>	<b>Nota 1</b>	<b>Nota 2</b>	<b>Nota 3</b>
<b>ExposiÇão escrita (zero a 10,0)</b>	10	10	10
<b>NÍvel de aprofundamento da investigaÇão</b>	10	10	10
<b>AdequaÇão da metodologia científica utilizada ao tema e às normas da ABNT</b>	10	10	10
<b>Qualidade das reflexões exibidas na Análise</b>	10	10	10
<b>Qualidade das reflexões exibidas na Conclusão</b>	10	10	10

